

COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E ETNOMETODOLOGIA COMO FERRAMENTAS PARA A DIVERSIFICAÇÃO DO FUMO

FELIPE BONOW SOARES¹; ANTÔNIO LUIZ OLIVEIRA HEBERLÊ²

¹Universidade Católica de Pelotas e Embrapa Clima Temperado – felipebsoares@hotmail.com

²Universidade Católica de Pelotas e Embrapa Clima Temperado – antonio.heberle@embrapa.br

1. INTRODUÇÃO

Este estudo é parte do projeto "Multiplicação de experiências exitosas de diversificação para a fumicultura no Sul do Brasil" desenvolvido pelo pesquisador Antônio Luiz Oliveira Heberlê (orientador deste trabalho), na Embrapa Clima Temperado. Por meio deste projeto, busca-se identificar e multiplicar experiências exitosas de produção ou de transição agropecuária recolhidas de unidades produtivas que conseguiram superar a dependência exclusiva da produção de tabaco no Brasil.

Sabe-se que os produtores de fumo, em sua maioria pequenos (em área), têm dificuldade de encontrar opções que mantenham as condições que o cultivo de tabaco lhes proporciona. O levantamento e teste de alternativas viáveis, validadas pela prática e referendadas pela pesquisa agropecuária, é uma das oportunidades estratégicas para se superar a dependência que se verifica na cadeia do tabaco, de grande apelo e competitividade. Para tal, é preciso também identificar as variáveis que dificultam a diversificação na matriz produtiva do fumo no Sul do Brasil.

O pequeno agricultor, em geral, é seduzido pela produção do fumo por duas razões centrais: pela facilidade na obtenção de crédito em virtude da política de financiamento das empresas fumageiras; e pela alta rentabilidade proporcionada pela produção do tabaco em comparação com outras alternativas para pequenas propriedades (BARRETO et al., 2013).

A percepção teórica utilizada para a realização da pesquisa está baseada no conceito de comunicação para o desenvolvimento. Entende-se que fazer comunicação na área rural deve ser diferente do modelo difusionista sugerido por ROGERS (2003), no ano de 1962, em que a ideia de comunicação é relacionada a transferência e ao difusionismo. Porém, como já foi visto, ainda é este modelo positivista que impera nas ações dos órgãos de pesquisa com ações vinculadas ao produtor rural (SOARES; HEBERLÊ; HEBERLÊ, 2012).

Para FREIRE (1977), ao contrário da ideia difusionista, vinculada ao conceito da extensão, a comunicação é baseada na interação, preconizando a participação ativa de todos os atores envolvidos no processo. Um dos mais importantes teóricos da comunicação para o desenvolvimento, BORDENAVE (1983), tem visão semelhante a de Freire, destacando o papel do comunicador em transformar a sociedade em que está inserido por meio da comunicação baseada na participação. "Atrevo-me a pensar que necessitamos viver mais intensamente a ideia de que nós, comunicadores para o desenvolvimento, mais do que técnicos, somos agentes servidores, transformadores e educadores" (BORDENAVE, 2012, p. 22).

É neste sentido que entendemos a comunicação para o desenvolvimento como uma atividade diferenciada da que é realizada atualmente, especialmente nos órgãos de pesquisa brasileiros. Portanto, a interação da comunicação para o desenvolvimento deve estar vinculada aos termos intercâmbio e diálogo

(HEBERLÊ; SOARES, 2013). Ou seja, o que mais importa não é o emissor, nem o meio e nem a mensagem, mas o papel ativo do receptor no processo, afinal é ele quem dá sentidos para a mensagem do emissor. É por isso que defendemos que não se pode fazer ciência baseado no modelo da "corrida de bastão", fazer para o outro (agricultor) não é suficiente, é essencial fazer com o outro (HEBERLÊ; SOARES, 2013).

Visto que o projeto ainda está em seu processo inicial, o que será apresentado aqui são discussões referentes aos dados obtidos relativos à cadeia do fumo, além da utilização da comunicação para o desenvolvimento como ferramenta para auxiliar na passagem da produção do tabaco para outras cultivares.

2. METODOLOGIA

Na mesma lógica do que preconiza a comunicação para o desenvolvimento, a metodologia de pesquisa a ser utilizada na busca por soluções à dependência do fumo é a etnometodologia. Interessa-nos o que GARFINKEL (1996) analisa do processo de comunicação na perspectiva da etnometodologia. Ele mostra que os símbolos utilizados para nossa comunicação não se encontram estabelecidos em conjuntos de regras e normas de comunicação preexistentes, mas são construídos e produzidos por processos de interpretação. Ou seja, a etnometodologia segue a lógica de que não se deve ter o contato com os elementos de pesquisa (os indivíduos sociais – neste caso específico, os produtores de fumo) a partir de perguntas prontas e esperando apenas uma resposta direcionada, é preciso estar aberto a descobrir as questões na própria ação da interação social. Neste sentido, a etnometodologia tem como seu objeto um problema social e utiliza uma abordagem de campo qualitativa, segundo procedimentos da etnografia (COULON, 1995). A ligação entre etnometodologia e comunicação para o desenvolvimento se dá porque esta entende que a interação com a sociedade se dá durante todo o processo da pesquisa e até mesmo antes da prospecção, ou seja, a comunicação e o contato com a sociedade é essencial para o sucesso da pesquisa.

As atividades de coleta de dados com os fumicultores iniciaram com a realização das entrevistas preliminares (para padronizar o sistema de coleta). Foi também realizada uma análise exploratória dos dados relativos a produção de fumo no Brasil, com enfoque especialmente na região Sul. Os dados foram acessados no site da Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA, online).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo os dados da AFUBRA (online), o Brasil é o segundo maior produtor de tabaco no mundo, atrás apenas da China. Além disso, no Brasil a produção de fumo é centralizada na região Sul, tendo mais de 97% do seu total nesta região. O consumo mundial e brasileiro de cigarros, porém, está diminuindo. Ainda é característica da fumicultura as pequenas propriedades, o que dificulta o processo de diversificação do fumo, afinal é uma atividade extremamente rentável sem a necessidade de grandes áreas de plantação. Prova desta constatação é a tabela a seguir.

Tabela 1 – Comparativo da produção de tabaco com outras atividades

DIAGNÓSTICO SÓCIO-ECONÔMICO				
PROPRIEDADE FUMICULTORA SUL-BRASILEIRA				
Safrá: 2012/13				
CULTURA	Hectares plantados	%	Produção	Valor
			kg	R\$
Arroz	0,051	0,3	319	290,00
Batata doce	0,043	0,3	336	638,00
Batatinha	0,014	0,1	86	128,00
Cana de açúcar	0,095	0,6	2.842	324,00
Cebola	0,024	0,1	178	269,00
Feijão	0,291	1,8	414	998,00
Fumo (Tabaco)	2,541	15,8	5.774	43.016,00
Mandioca / Aipim	0,110	0,7	2.755	2.645,00
Melancia	0,032	0,2	797	765,00
Milho	3,614	22,4	13.877	6.383,00
Soja	1,252	7,8	3.205	2.917,00
Laranja	0,055	0,3	1.011	667,00
Pêssego	0,017	0,1	102	255,00
Uva	0,014	0,1	134	214,00
Hortaliças	0,016	0,1	107	273,00
Outros produtos agrícolas	0,008	0,1	53	135,00
Açúdes	0,011	0,1	Renda tabaco = 54,5	
Mata nativa	2,692	16,7		
Mata reflorestada	1,962	12,2		
Pastagens	3,259	20,2		
SUB-TOTAL	16,1	100,0	31.990	59.917,00
CRIAÇÕES	Cabeças/un	Produção		Valor
		kg	R\$	
Produção animal		10.985	18.297,00	
Produtos granjeiros		144	726,00	
SUB-TOTAL		11.129	19.023,00	
Total Geral			43.119	78.940,00

Fonte: Afubra / Pesquisa NUPES 2011

* Produção litros.

A tabela mostra que não há outro tipo de cultivar capaz de competir com o tabaco atualmente. Percebe-se que o milho possui maior área de plantio e maior quantidade de produção, porém a rentabilidade é muito inferior ao fumo. A cultura da soja tem características semelhantes na questão área, produção e rentabilidade, apesar de ser produzida em menor quantidade do que o fumo. O que se vê, como consequência desses números é que, no Sul do Brasil, dentro das propriedades fumicultoras, o tabaco é responsável por 54,5 da renda total e que nenhuma outra cultura produzida pelos agricultores é capaz de concorrer com o fumo. Porém, com a diminuição do consumo mundial de tabaco, a tendência é de que a produção também tenha que diminuir e, conseqüentemente, os agricultores terão que buscar por novas culturas. Prova disto é que já há uma queda anual na produção de fumo. Na safra de 2010/2011, a produção de tabaco no Brasil foi de 851.540 toneladas, distribuídas em 208.530 famílias, já na safra de 2012/2013, estes números caíram para 731.610 toneladas produzidas por 180.075 famílias (AFUBRA, online).

É neste contexto que se pretende buscar alternativas exitosas à produção de tabaco. Observados os números, não há dúvidas que esta é uma tarefa árdua, afinal a rentabilidade (especialmente em pequenas áreas) do tabaco é muito grande. É neste sentido que a etnometodologia e a comunicação para o desenvolvimento podem ser úteis, pois não buscam soluções prontas, mas construir a solução com quem é beneficiado pelos resultados possíveis.

Nas entrevistas de pré-teste, realizadas para padronizar o sistema de coleta de dados, foram ouvidos agricultores que trabalham com fumo, alunos de uma escola de primeiro grau e líderes comunitários de duas regiões produtoras de fumo de Canguçu, município que registra o maior número de agricultores familiares da América Latina e onde a produção de fumo é uma das principais

atividades de renda. Percebeu-se que a cadeia de produção de fumo está inserida de forma quase que definitiva, sendo que os agricultores não encontram saída viável para superar os ganhos que obtém com a cultura. Deste modo, a fumicultura assume um papel importante no desenvolvimento nas unidades produtivas e no próprio município.

4. CONCLUSÕES

Percebe-se, com os dados levantados e com as entrevistas realizadas, a real necessidade da diversificação do fumo, afinal, como já foi destacado, o seu consumo e a sua produção estão em decadência e, deste modo, cada vez menos famílias tendem a manter-se na produção do tabaco. Entende-se ainda que a grande dificuldade, mais uma vez amparada nos dados obtidos por meio da AFUBRA (online), é que a produção de tabaco é extremamente rentável, mesmo produzida em pequenas áreas. Devido a todos estes fatores, só se confirma a necessidade de uma nova metodologia para interagir com os agricultores e descobrir como alterar este cenário de dependência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFUBRA. **Mutualidade**. Online. Acessado em 3 jul. 2013. Disponível em: <http://www.afubra.com.br/index.php/mutualidade/index/menu2/3>
- BARRETO, G.A.B.; FREITAS, C.A.; ILHA, A.S.; STADUTO, J.A.R. **A fumicultura no Rio Grande do Sul: uma abordagem sob a ótica da nova economia das instituições**. Santa Maria: UFSM - Grupo de Pesquisa Cadeias Agroindustriais, 2013. Acessado em 28 ago. 2013 disponível em: <http://coral.ufsm.br/mila/clailton/publicacoes/cientificos/fumicultura-rs.pdf>
- BORDENAVE, J.D. **O que é participação**. Brasília: Brasiliense, 1983.
- BORDENAVE, J.D. Os novos desafios da comunicação para o desenvolvimento. In: HEBERLÊ, A.L.O.; COSENZA, .B.C.; SOARES, F.B. **Comunicação para o desenvolvimento**. Brasília, EMBRAPA, 2012. Cap.1, p.9-28.
- COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 3. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1996 Trad. de Adauto Vilella.
- HEBERLÊ, A.L.O; SOARES, F.B. Comunicação para o desenvolvimento: estratégias e conceitos. Estudos em Comunicação. Covilhã, v. 13, n. 1, p. 151-174, 2013.
- ROGERS, E.M. **Diffusion of innovations**. 5ed. Nova York: Free Press, 2003.
- SOARES, F.B.; HEBERLÊ, M.L.; HEBERLÊ, A.L.O. O discurso institucional e os seus significados na interação social da Embrapa. In: **CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, 21., Pelotas, 2012, **Anais...** Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), 2012. Acessado em 30 set. 2013 Disponível em: http://ufpel.edu.br/cic/2012/anais/pdf/SA/SA_00271.pdf